

O que é o Observatório Ecos e Reflexos



Há 30 anos foi aprovada a Convenção dos Direitos da Criança. Hoje, contamos a nível regional, com uma ampla rede de profissionais, estudantes, funcionários, organizações internacionais e sociais, e sobretudo, meninos, meninas, adolescentes e jovens, cada vez mais conscientes da necessidade de fechar lacunas e aumentar as possibilidades de acesso a todos os direitos.

Ecos e Reflexos América Latina é um Observatório de direitos humanos que surge neste contexto e que começou a se desenvolver em 2017 a partir de uma sinergia entre Parceiros da Nicarágua, Brasil e Colômbia, com o acompanhamento da tdh Alemanha. É um projeto conjunto orientado especialmente para repensar e favorecer a participação dos meninos, meninas, adolescentes e jovens no monitoramento das condições dos seus direitos, assim como o apoio para o surgimento de novos líderes a nível territorial.



O que estamos aprendendo?

A diversidade dos MMAJ do Observatório Ecos e Reflexos tem motivado o uso de **diversas metodologias e ferramentas de investigação, análises, reflexões, observação**. Entre elas, a investigação musical, a arte, a pintura, o grafite, a fotografia e a dança.

A riqueza da linguagem oral e dos chamados permanentes dos MMAJ para usar metodologias que impliquem conectar a razão, a emoção e o espírito estão na ordem do dia.

O Observatório abre as portas para **ambientar e motivar a participação dos MMAJ em um espaço de influência** no nível de cada país.

"Divulgaremos os direitos dos meninos, meninas e adolescentes através de processos de mobilização, empoderamento e reconhecimento. Impactaremos as redes sociais, promoveremos fóruns de discussão e reflexão com outros jovens, meninos e meninas. Aumentaremos nosso empoderamento trocando experiências com outras organizações de jovens de outros países na América Latina."

Um olhar com lentes de longo alcance

Temos a nível regional, problemáticas compartilhadas que afetam os meninos, meninas, adolescentes e jovens. Suas vozes aqui:



"O assédio nas ruas é um problema para nós, toda vez que passamos, nós o vivenciamos. Na minha comunidade, a maioria dos homens é mais velha, usam drogas, outros não trabalham e ficam nas ruas. É perigoso passar a noite aí. Você passa e eles veem você, se você responder, eles até começam a dizer que você vai morrer."



"Não temos boa infraestrutura em todas as nossas instituições educacionais. Temos lugares onde não há cadeiras, não há mesas o suficiente. O dinheiro é usado para outras coisas, se perde."

Um forte grito para trabalhar juntos.

Os MMAJ do Observatório fazem um chamado para trabalhar de forma coordenada nas regiões.



"É necessário ter meios de comunicação que respeitem os direitos dos meninos, meninas e adolescentes e que se comunique com a verdade."



"É necessário que os líderes comunitários possam nos ver também. As vezes, eles se concentram apenas nos direitos que estão sendo violados e não na população em geral."



Algumas ideias para juntar



"É importante que aproveitemos as redes sociais para promover mensagens que permitam prevenir situações de violência contra mulheres e adolescentes. A partir delas, é possível fazer aconselhamentos virtuais, promover fóruns de reflexão e discussão diretamente com os meninos."



"Estamos trabalhando na agenda I metro 10, que é uma proposta de cidades projetadas para os meninos e meninas, nas quais os espaços físicos em geral são amigáveis e pensados para eles."



"Os jovens precisam ocupar os territórios, intensificando a nossa presença nos espaços públicos, fortalecendo o contato e articulação com outras organizações já existentes."



Nossos temas e mensagens enfatizam nossos países e nossa região

São muitos os temas de interesses que preocupam os MMAJ do Observatório. Eles e elas concordaram em aprofundar a questão de violência sexual e de gênero, violência estatal, violência policial, uso de drogas, trabalho e exploração infantil como fenômenos que afetam diretamente o gozo dos direitos dos MMA na região.

Além disso, nos provocam com as seguintes perguntas:



Qual é o papel das organizações sociais na defesa dos direitos dos meninos e meninas atualmente?

Que olhar temos que ter para os meninos, meninas, adolescentes e jovens e que tipo de relação estabelecemos?

Como as organizações podem melhorar o acompanhamento dos meninos, meninas e adolescentes na defesa dos seus direitos a partir de um enfoque de direitos e de ações sem danos?

Para isso, que práticas organizacionais são necessárias repensar?

Que novas metodologias podemos construir com participação dos meninos, meninas, adolescentes e jovens para dar um lugar de sentido à suas expectativas, necessidades e potencialidades?

Alguns números importantes

América Latina

De acordo com o Relatório Mundial sobre homicídios do Escritório das Nações Unidas contra a droga e o delito de 2013, a maioria das vítimas de homicídios no mundo é relativamente jovem. Os grupos de idade entre 15 a 29 anos e de 30 a 44 anos são os mais afetados a nível global e quase a metade das vítimas tinham entre 15 e 29 anos de idade.

A taxa de homicídio para as vítimas masculinas entre 15 a 29 anos na América do Sul e Central superava mais de quatro vezes a taxa média global para este grupo

Colômbia

De acordo com a Rede Nacional de Informação, **2.465.394** de vítimas do conflito armado no país são meninos, meninas, adolescentes e jovens.

Segundo a Migração Colombiana, em julho de 2019, haviam **1.408.055** venezuelanos na Colômbia, deles, 197.428 são menores de 18 anos.

As informações do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses em 2017, **37,7%** das vítimas de violência intrafamiliar foram meninas, meninos e adolescentes.

De acordo com a pesquisa Nacional de Saúde Mental de 2015, em torno de **44,7%** das meninas e meninos entre 7 e 11 anos, requerem uma avaliação para determinar quais são os problemas ou possíveis transtornos mentais.

Nicarágua

Segundo o Instituto de Medicina Legal nos últimos **8 anos: 8 em cada 10 relatos investigados foram praticados aos MMA com idades entre 0 e 17 anos**, segundo especialistas em violência sexual. Deles, metade foram meninas menores de 13 anos. **62,7%** dos casos de violência sexual ocorrem em casa e são acometidos por familiares ou pessoas conhecidas.

A taxa de emigração do país supera **5%** do total de população nicaraguense, sem que haja clareza sobre o número de MMA que está saindo do país.

Brasil

De acordo com a informação que relata o Atlas de Violência do Brasil, no ano de 2016, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes maior que os não negros (**16,0% contra 40,2%**). O homicídio é a principal causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos, com maior número de homens afetados, com baixa educação e habitantes das periferias.

A taxa de homicídios de mulheres negras foi **71%** maior que as mulheres não negras.

